

# Eupatheia

Poucos são aqueles que sabem dar a si a própria lei...

## A Filosofia da Natureza em Aristóteles, a Partir dos Livros I e II de sua Física

### Desenvolvimento

Duvidar é dar início a busca ao saber. Quando se questiona, o indivíduo se coloca a frente do objeto e nesta relação se constrói o conhecimento, de forma que questionar certos conceitos é submeter-se ao crivo da dúvida e através dela percorrer até a construção do conhecimento o descobrimento do significado daquilo que se busca.

Segundo Aristóteles, matéria é aquilo que subjaz, portanto nasce a pergunta: qual seria, para Aristóteles, o significado de algo que subjaz? Qual a relação disso, afinal, com o conceito de matéria?

Pois bem, rumo a esta compreensão, devemos pensar que aquilo que subjaz se trata de algo que sempre permanece, um substrato universal. Aquilo que sempre permanece é, portanto, o substrato do universo, ou seja, aquela parte primeira do qual o universo se produz, aquilo do qual as coisas são feitas e de onde tudo se origina tudo aquilo que é criado permanece e consigo traz algo que embora haja transformações mantém imanente. Deveria haver algo a partir do qual todas as coisas são criadas. O que estaria subjacente a tudo o que existe neste mundo? Então, algo subjaz.

Este conceito de Matéria nasce em Aristóteles e percorre todo o período filosófico até Descartes sofrendo forte declínio conceitual com a Filosofia Contemporânea. Embora Aristóteles tenha dado ênfase ao conceito de matéria, foi Santo Tomas de Aquino que deu a sua roupagem necessária trazendo-a para o núcleo das discussões filosóficas.

Para Aristóteles, a Matéria seria algo indeterminado que se determina ao receber uma forma. E esta forma é aquilo que “atualiza” a matéria. As coisas são conhecidas então, através da atualização de suas potencialidades, e isto se descobre através do entendimento de suas causas.

Tudo aquilo que existe é formado por partículas que têm extensão, forma e movimento. O movimento dá a idéia de lugar, quantidade e essência. Forma é aquilo que concretiza ou atualiza a matéria, de forma que a combinação de matéria e forma é o que representa a “essência” dos entes materiais.

Tomar noção daquilo que sejam os princípios ou causas ou elementos é o caminho do saber e do conhecimento. Ao mesmo tempo conhecer os princípios ou causas dos elementos é levar-se a conhecer a Filosofia da Natureza. Aquilo do qual algo depende para sua produção é chamado de causa da produção. E estas causas ou princípios pelos quais se chega ao conhecimento seriam, para Aristóteles, a Causa Material, a Causa Formal, A Causa Eficiente e a Causa Final. Cada qual vai ter sua importância na definição e no conhecimento do objeto.

É importante ressaltar, neste ponto, que as coisas são ou “por natureza” ou “por outras causas”, ou seja, não naturalmente. Aquilo que seria por natureza, por exemplo, seriam os animais, as plantas, os seres vivos em geral inclusive os homens, enquanto as demais surgiriam a partir da técnica, não possuindo, portanto, nenhum impulso inato, podendo ser chamadas de criações artificiais ou acidentais.

Naquilo que é por natureza, esta própria natureza permanece subjacente, todas essas coisas são essência: pois são um subjacente, e a natureza reside sempre no subjacente. Ou seja, as coisas que são por natureza têm o tal princípio da natureza e guardam subjacente sua própria essência da natureza, que reside no subjacente. O fogo movimentar-se para cima, não é a natureza em si, mas traz em si um princípio de natureza que o diz para movimentar-se para cima, fazendo em conformidade com a esta natureza. Então aquilo que é por natureza e conforme a natureza é aquilo que tem como princípio um impulso natural.

Para entender isto, é necessário entender quais seriam os elementos primeiros identificados por Aristóteles. Para Aristóteles os princípios ou elementos são quatro: terra, água, fogo e ar. Da mesma forma, procurou identificar quantos seriam os entes. E desta forma, diferencia-se da identificação dos elementos, que seriam tomados a partir da Natureza. Os entes não se examinam a partir da natureza, sob pena de cair-se em contradição silogística. Aquilo que é por natureza, é suscetível de movimento para Aristóteles e isto se evidencia a partir da indução. O ente poderia então ser apenas UM. O ente pode ser um “quanto” ou um “qual”. Um ente seria o tudo essência, então seria um “quanto”, como o homem, o cavalo, a criança. Enquanto um “qual” seria o homem branco. Este qual é aquilo que Santo Tomas identificou como coisas que o são por acidente.

Se o ente for limitado então ele será um “quanto”. E isto se revela por essência porque não pode haver muitas essências ilimitadas. Porém, se houver essência apenas, o ente não será limitado. Enfim, sendo um “quanto” o ente é limitado, mas sendo “qual” o ente é ilimitado.

Enfim, Aristóteles afirma que aquilo que é vem a ser a partir de algo que seja subjacente, ou seja, sempre há aquilo que subjaz. Como a partir do bronze vem a ser a estátua. E na estátua subjaz o bronze. Mas, isto só não será suficiente para entender o conceito de matéria. O que seria a matéria primeira ou a matéria prima? É a causa primeira de todas as coisas? O que é a causa do homem? É, de forma simplista, a matéria da qual se constituem todos os homens. Então a matéria prima é pura potência e isto, ou seja, a matéria, somente se atualiza na forma.

Os Entes são por natureza e há causas e princípios a partir dos quais são e vem a ser não segundo a concomitância, mas, segundo a essência. No exemplo de Aristóteles, o homem culto se constituiu a partir do homem e do culto. Então há sempre algo que subjaz àquilo que vem a ser. Aquilo que é subjacente é um princípio, embora não venha ser nada em específico, ou seja, o princípio subjaz embora não seja um certo isto. O que subjaz ao homem culto é a idéia de homem.

Segundo Aristóteles, é impossível que algo venha a ser a partir do não ente. Nem o ente vem a ser, nem nada vem a ser a partir do ente, porque é necessário que algo esteja subjacente, havendo, portanto uma pluralidade de coisas e o próprio ente em si mesmo. As coisas são pela concomitância e também pela privação que é o não ser outra coisa, ou seja, a privação de outra coisa é necessária para que algo seja o que é.

O que subjaz, portanto, como já dito, é a matéria. Aquilo que permanece apesar de todas as transformações é a matéria. Quando a matéria se atualiza através da forma, ela se distingue da privação, porém matéria e privação estão presentes no sujeito do ente e do não ente que é a privação, para as quais, digamos a matéria é comum, porque para ser a partir daquela matéria é preciso que haja a privação do outro ao qual para ser se privou.

A matéria, todavia, se apresenta no mundo em forma, de maneira que sem a forma a matéria é etérea, ou pura potência. As coisas somente existem em forma. A forma, não se deseja a si mesmo e sim a matéria que deseja a forma.

Então subjaz algo a todas as coisas qual seja a matéria. Esta matéria vai se atualizar através da forma. As coisas não existir, constituídas de Matéria e Forma. Para isto, será necessário conhecer as causas e tomar noção dos elementos. Conhecer a coisa é identificar suas causas.

Porém nem todas as coisas dependem de matéria para existir. As coisas que dependem da matéria em seu ser precisam dela para ser definidas, já há outras que não necessitam da matéria para existir, ou seja, por exemplo um nariz achatado: o nariz existe e depende da matéria para sua definição, enquanto o achatado não.

Já a forma coloca o Ser na matéria, porém o acidente não. No acidente, é o sujeito que o atribui forma. Em resumo temos que a forma dá à matéria o ser, enquanto que o acidente não dá ao ser o sujeito: é o sujeito que o dá ao acidente. A forma pode ser chamada de Ato também, que ocorre quando há um Ser em Ato. O que faz um ser em Ato é a forma substancial e o que faz um ser em acidente é a forma accidental.

O que faz a matéria chegar à forma é o movimento de geração. Para a forma accidental ocorre a geração relativa e para a forma substancial ocorre a geração pura e simples. Ou seja, a atualização da matéria vai ocorrer através da geração pura e simples. Para tanto é necessário conhecer os 3 tipos de geração. A geração requer a existência de três coisas: matéria, privação e forma. A matéria é um ser em potência, a privação um não ser em ato e a atualização que é a forma. A matéria é a necessidade e para o que tende toda a geração, enquanto os demais se mantêm lado a lado sempre que ocorre a geração. A matéria e a privação como vimos, vão estar presentes sempre no sujeito visto que para ser o sujeito da geração é preciso que seja ao mesmo tempo a privação do não ser. Enquanto uma figura tem sua forma ao mesmo tempo ela tem a privação de todas as demais formas.

A privação então, embora princípio, sempre irá existir por acidente. Os acidentes serão necessários e não necessários. Acidente necessário é aquilo que é próprio da coisa, enquanto não necessário é aquilo que não é necessariamente próprio da coisa. A matéria sempre estará privada de outra forma. A privação também somente ocorre de um Ser determinado. A cegueira, por exemplo, não pode ser atribuída como privação senão daquele que deveria enxergar.

O que vai diferenciar Matéria, Forma e Privação é a razão. Sob este ângulo, a matéria é aquilo no qual forma e privação são inteligíveis. Por exemplo, enquanto o bronze não é uma estátua, podemos entender que não há nele nenhuma privação. Mas, quando moldamos no bronze uma figura determinada, ele adquire em si a privação de todas as outras formas que ele poderia tornar-se, que poderiam ser geradas com aquela matéria. Algumas matérias, entretanto têm em si sua própria composição de forma, como é o caso da farinha do pão, que já tem em si a não ordenação que é oposta a ordenação do pão, visto que a farinha de pão, não tem outra privação a não ser o próprio pão, visto que é o tipo de matéria que contém em si mesmo a sua composição de forma. Já o Bronze, enquanto ainda não gerado nem atualizado em uma forma qualquer, já é uma matéria atualizada na forma de bronze. Antes deste estado ele é chamado de matéria primeira. O mesmo vale para a Água, que é matéria primeira de outras composições, mas, já é em forma e, portanto, tem sua própria matéria prima que lhe é anterior. Mas, a matéria prima nunca vai ser encontrada destituída de forma e privação, portanto sempre estará em ato, e, portanto em ato nunca será chamada da matéria prima, que será como vimos, sempre potência.

É por isto que Matéria, Forma e Privação não serão nunca suficientes para explicar a geração. Vamos precisar entender as causas. O bronze da estátua precisa de um agente externo para sua geração, já que a forma não guarda em si nenhum mecanismo para transformar a potência da matéria em ato.

As causas serão identificadas como extrínsecas e intrínsecas. A matéria e a forma, como há de se perceber, são causas extrínsecas a coisa. E como princípio ele havia identificado as causas intrínsecas. Então causas seriam as extrínsecas (matéria e forma) e princípios as causas intrínsecas, e a privação como princípio accidental. Alguma confusão pode ser feita entre causa e princípio, que embora tenham noção comum há uma pequena diferença conceitual. A noção de causa acrescenta alguma coisa comum a de princípio. Causa é aquilo ao ser do qual segue outra coisa. O ponto de partida é um princípio e não uma causa. A privação, por exemplo, é um princípio e não uma causa.

Nesta mesma esteira de compreender que Matéria e Forma não são suficientes para a geração, vamos encontrar o elemento. No livro Delta da Metafísica Aristóteles diz que o elemento é aquilo do qual a coisa é composta primeiro, lhe é imanente e não comporta nenhuma divisão com relação a forma. O elemento, portanto, é aquilo que permanece e não é corrompido. O elemento do homem então não são os braços. Os braços e as pernas do homem são compostos de outros elementos. Uma definição de elemento como vimos no início são os quatro elementos, Terra, Água, Fogo e Ar, que estariam na composição primeira de todos os outros corpos da natureza.

Assim como os elementos, relembramos aqui que, para Aristóteles temos quatro causas distintas, a saber: formal, material, eficiente e final. Elas podem dar-se de forma recíproca, o que se chama reciprocidade das causas. A causa Final, por exemplo, é a causa principal de todas tendo em vista que é por “isto” que a coisa existe. A Causa da Forma é a matéria e a forma somente existe com a matéria e assim reciprocamente. A Matéria e a Forma, existem assim reciprocamente porque a causa formal e material não podem existir senão no mesmo ato de geração, embora, como se verá adiante, há discussão se a causa formal é primeira ou a material o é.

Ainda elas apresentando-se conjuntamente ou reciprocamente há então que compreender a reciprocidade das causas. Uma coisa, com efeito, pode ser chamada anterior a uma outra na ordem da geração e do tempo, e, além disso, na da substância e do acabamento. A matéria é tida como causa primeira em todos os eventos de geração, mas se a matéria somente se atualiza pela forma, podemos dizer que anteriormente a matéria há a forma. A causa eficiente é anterior a causa final no momento da geração.

Mas vamos encontrar outra coisa que deveria preceder a causa, qual seja a necessidade, que se apresenta em dois tipos. A necessidade absoluta e a necessidade condicional. Aquela que chamamos de absoluta vem antes de todas as causas na geração. A necessidade absoluta é a da matéria que, sem a tal nada é gerado. A necessidade condicional seria a forma, pois se dá apenas depois da causa absoluta e antes das causas precedentes.

As causas podem ser coincidentes ao mesmo objeto. Por exemplo, a faca tem em si mesmo o eficiente e o fim, que é cortar. A isto se dá o nome de redução das causas que pode ocorrer com a formal, a eficiente e a final. Todas podem estar reduzidas a um mesmo termo, ou seja, podem coincidir. Como no caso do fogo, onde ele é a própria causa eficiente de quem o engendra. E ele pode ao mesmo tempo ser causa final na medida em que a operação engendrada termina nele. Neste aspecto, a causa final pode estar separada na causa final da geração e na causa final daquilo que foi engendrado, como a faca, cuja causa final pode ser a geração da própria faca e ao mesmo tempo a finalidade de cortar.

As causas ainda vão se manifestar pelo conceito de anterioridade e posterioridade. O exemplo a ser dado é o do médico que cura. O médico é posterior a medicina. Observam-se ainda as causas por si e por acidente. Sendo por si aquelas que o são em si mesmo, são causas de si mesmo e explicam-se por si mesmo e a causa accidental aquela que somente existe em conjunto com a causa por si. Esta causa por si ainda será chamada de causa simples, de par com a causa composta que é a que ocorre quando duas coisas são chamadas o Ser da Causa, como no caso do Médico Cozinheiro, porque ambos cortaram a carne. A causa vai aparecer ainda em ato ou em potência. Em ato é quando ocorre efetivamente de, por exemplo, construir a causa, enquanto em potência conforme já entendemos é o mesmo médico que poderia, por exemplo, cozinhar, todavia não o faz.

## Conclusão

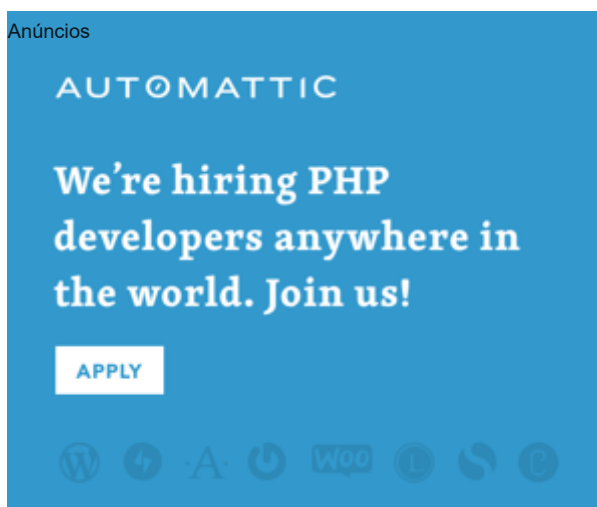
Vimos desde o início que Aristóteles, ao procurar um caminho para entender a origem de tudo, percebeu que deveria haver algo a dar causa a todas as coisas. Entendeu que havia uma matéria prima que permanecia em todos os movimentos e em todas as gerações, e que essas causas iriam necessitar da forma para se atualizar, além do elemento e ao mesmo tempo do movimento.

Aristóteles ensinou que era necessário percorrer desde aquilo que era cognoscível e claro para todos e ao que era por natureza, porque aquilo que era claro por natureza precisaria de uma pesquisa maior para entender os motivos de sua existência. Então aí, vimos que surgiram as idéias de matéria, causa, princípio, movimento, elemento. Podemos perceber que a atualização da matéria, após repensar estes conceitos, precisa de Geração, e que esta geração ocorre de várias maneiras, por vários motivos, que se antecedem, se precedem, que tudo tem uma causa material, uma causa formal, onde uma antecede a outra, uma causa eficiente e uma causa final, e que as causas são coincidentes, recíprocas e reduzidas.

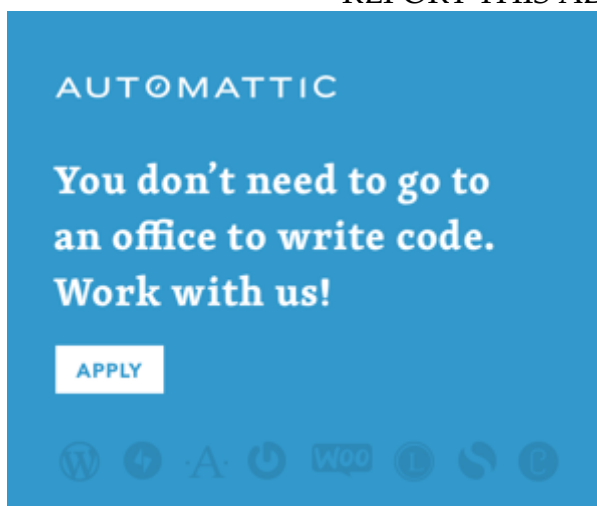
Em síntese Aristóteles concebeu a Matéria Prima que nunca é, senão em potência, que se atualiza pela forma e que há tudo dá origem e subjaz. Disciplinou a forma de geração das coisas. Fez isto através da observação daquilo que estava muito claro na natureza e através do olhar à natureza.

## Referência Bibliográfica

ARISTÓTELES; *Física I e II*; Campinas: IFCH-Unicamp, 1999



REPORT THIS AD



REPORT THIS AD

## osiriscaio

Gerente de projetos de TI, músico, bacharel, mestre e doutorando em filosofia.

☐ 23 de janeiro de 2014

## Publicações

## Aristóteles, Física, Filosofia, Natureza

# Um comentário sobre “A Filosofia da Natureza em Aristóteles, a Partir dos Livros I e II de sua Física”

### 1. osiriscaio

23 de janeiro de 2014 at 18:37

Republicou isso em Eupatheia.

**CRIE UM WEBSITE OU BLOG GRATUITO NO WORDPRESS.COM.**

**ACIMA ↑**